

O LUGAR DA DOR NO FEMININO

Taciana Mafra

"Não me venha falar da malícia de toda mulher, cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é..." (Caetano Veloso).

A trajetória desbravadora de Freud pelos labirintos da sexualidade humana tem como ponto de partida a **mulher**, com seus "loucos" sintomas de conversões somáticas, propulsores de enormes sofrimentos, representando no corpo aquilo que estava impossibilitado em palavras.

Continente Negro é como pode ser nomeado o enigma feminino em Freud.

Lacan condena mulheres a um "impasse subjetivo" dentro de um sistema falocêntrico, única saída para a civilização e insiste na necessidade de as mulheres "se aceitarem como objeto de desejo dos homens" (1951). Dolorosa exigência de renúncia à posição de sujeito.

Esta assertiva remete-nos à questão da constituição dessa posição. Retomando Freud encontramos a máxima: "A anatomia é o destino, e a complexa trama da problemática fálica encenando um ballet que configura a referência ao órgão masculino, peremptório, para a definição de um lugar que marca a identidade sexual". Ter ou não ter pênis, alusão à falta a nível do que esta pode representar subjetivamente.

A mulher, inscrita na cultura em um lugar reservado de dor, sobre o qual recai uma arraigada carga de restrições e repressões está editada em ditos populares, textos bíblicos, literários, música; ou seja, naquilo que circula na cultura e que suporta o sintoma: Para ilustrar: "Parirás com dor"; "Dor de mulher"; "Mulher nasceu para sofrer"; "Aqueles mulheres marcadas..."; "Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra"; "Ser mãe é padecer no paraíso".

E como desvendar o gozo aí implicado?

Há algo de intrigante nessa configuração que circunscreve à mulher essa restrição. Estaria aí um movimento dialético do que vem dar conta a construção lacaniana do "não toda"? Não submetida totalmente à castração com sua sexualidade mais liberada, "A mulher" precisa ser barrada?

Essa sexualidade referida por Lou-Andreas Salomé como:

"A essência indiferenciada da mulher, sua busca ardente que sempre ignora as barreiras, um desenrolar-se harmonioso e o jogo de todas as pulsões unidas, conferem ao erotismo feminino o que tem de mais profunda beleza: pois ela vive de outro modo o momento erótico, seu corpo e sua alma o refletem de outro modo".

Essa sexualidade jamais esgotada, advinda de um gozo suplementar ao gozo do homem, fugidio ao interdito do incesto, desenha um contorno próprio de uma fascinante contradição: Dor e Gozo.

"Um caracol que se arrasta alegremente em linha reta diante de si, carregando sua casa nas costas. Essa casa lhe pertence, mas ela empurra da beira do caminho todo tipo de coisas que ela deseja e das quais necessita para se tornar um caracol adulto, perfeito, capaz de viver". (Lou-Andreas Salomé).

No texto *Para Introdução do Narcisismo* de 1914 Freud escreve:

"Dizemos que o ser humano tem dois objetos sexuais originários: ele próprio e a mulher que dele cuida e pressupomos, assim, o narcisismo primário de todo ser humano, que eventualmente pode na sua escolha de objeto chegar a expressão dominante".

E continua mais adiante:

"O desenvolvimento se forma de modo diferente do mais freqüente, provavelmente no mais puro e mais autêntico tipo feminino até então latentes, parece que se manifesta um aumento do narcisismo originário, que é desfavorável à formação de um amor de objeto ordenado, dotado de supervalorização sexual. Este aumento se produz principalmente no caso do desenvolvimento da beleza uma auto-suficiência da mulher - a qual a recompensa pela liberdade de escolha objetual, que lhe é socialmente reduzida".

E ainda:

"Tais mulheres amam estritamente falando somente a si mesmas, com intensidade semelhante à forma que o homem as ama".

Parece ser possível uma concatenação desses textos de Freud com o que nos diz Lacan com:

"O homem serve de substituto para que a mulher se torne este Outro para si mesma, como ela o é para ele".

O drama do objeto feminino tomado na armadilha do desejo masculino ao mesmo tempo objeto a, causa do desejo do homem e emblema do fato circulante entre homens, tão bem ilustrado na peça de Eurípedes, "*As troianas*", onde os vencedores são premiados com a posse de mulheres, deixa a pensar: onde pode ela encontrar seu lugar?

Aqui reporto em Freud uma sobredeterminação de gozo e dor como paradigma desse lugar do feminino, quando em *Organização Genital Infantil* traça o complicado percurso da mulher para se por diante do pai, e em *Bate-se numa criança* o homem balizando este lugar frente ao pai nos faz ver congruïrem no lugar do

feminino, lugar da passividade, lugar de apanhar: gozo e dor. A escuta de mulheres na clínica está constantemente a revelar algo que vem como enunciado: "É sempre assim, é a mulher que tem que levar a surra"; "Minha avó dizia sempre que não adianta bater o pé, mulher nasceu para apanhar"; "Estou cheia de levar pauladas".

Quando reunia estes enunciados para reportá-los a uma enunciação que articule algo dessa ordem de um lugar do feminino, me ocorreu algo: Por que existe uma instituição policial que se encarrega de punir as agressões físicas que as mulheres sofrem, na maioria das vezes de seus companheiros? O que está por trás daquilo que pretende conter a delegacia de mulheres? Por que não existe nem um órgão legal que se preocupe com as agressões físicas ou com as surras que homens levam? O mais curioso nessa circunscrição desse sintoma social é que as autoridades responsáveis pela defesa dessas mulheres reclamam de que dias após, a queixa da mulher ultrajada, quando intimado o responsável, é retirada, até que uma nova reincida para ter o mesmo destino.

Mais que uma reflexão de uma questão jornalística, é notável a relação de um discurso singular, o da clínica analítica, com a particularidade que se estabelece num fenômeno social. O social e a cultura, enquanto que suportam o sintoma, vêm revelar mais uma vez como enunciado o que uma velada enunciação carrega de obscuro buraco negro.

Mulher é deflorada, mulher é estuprada...

Uma outra façanha curiosa a respeito dessas mulheres que apanham e que procuram uma instituição, é que ao serem inqueridas a respeito do porque permitiram a agressão respondem ou que porque são indefesas devido à fragilidade física ou porque são "pobres coitadas" que dependem de seus companheiros.

Este lugar miserável que as mulheres ocupam social e culturalmente traz à tona a história contada por Diotima a Sócrates e que este relata em seu discurso no *Banquete*: A mulher (Pênia), no grego pobreza, que mendiga pelos jardins suntuosos os restos da riqueza. (Poros), o recurso; este embriagado após uma festa tem relações com Pênia gerando-lhe um filho (o amor).

Neste ponto é tentador estreitar uma aproximação com a saída encontrada em ambos os sexos para a problemática fálica. Enquanto que o homem encontra em seu corpo o que vem dar suporte à identificação no circuito em torno do falo, à mulher resta como saída esperar um filho do pai.

Encontra-se aí a condição de pedinte, que incide em diversos recursos como para resgatar uma só coisa. "Gostaria de ter algo alguma vez sem ter que suplicar tanto". "Não aguento mais pedir, pedir, pedir. Por que as coisas não me vêm naturalmente?", "Parece que a mulher não pode escapar de formular sempre uma encomenda a esbarrar numa lei incontestavelmente arbitrária". "Fico me perguntando por que não procuram saber das minhas necessidades, por que nunca acertam o presente que eu estou desejando".

Uma mulher em análise constrói o seguinte enunciado:

"É um cansaço irreparável toda a vida tendo que exigir, exigir, sem jamais ter como um dom, eu volto como La Recherche du Temps Perdu e não vejo nunca em lugar

nenhum, em tempo nenhum, nunca esteve comigo algo "parecido". Pensei muito se isso era humano, mas não, isso é da mulher, me lembro que meu irmão, esse teve algo parecido que pelo menos o iludia. Quando éramos meninos, para afirmar o seu poder sobre mim, mostrava o seu pênis e me dizia, "olha aqui, eu tenho como o do papai, sou eu quem manda, e não diga: eu sou igual a mamãe; você não pode me mostrar, meninas tem que se cobrir, é pecado mostrar-se; o papai me disse tome conta de sua irmã, se mostrar eu conto a ele".

Há no entanto o que se pensar sobre este lugar de passividade ocupado pelo feminino na perspectiva freudiana. Lacan em seu seminário sobre a transferência equaciona uma subversão do aforismo clássico.

"Aí estão as coisas ditas claramente: é o masculino que é desejável, é o feminino que é ativo". Lacan (A Transferência)

E Lacan continua especulando sobre a falta rastreando assim essa relação da posição do feminino em sua relação com o gozo:

"O que falta àquele que ama? Encontramo-nos aí, imediatamente, transportados para a dialética dos bens, sobre a qual peço que se remendam ao nosso discurso do ano passado sobre a ética. Esses bens, porque os ama, aquele que ama? É, continua ela, para gozar deles.

Não ter como dar conta de um poder imperioso. Há algo na mulher que tem que ser escondido. Esse poder obtuso, o que implica numa reversão que tem um efeito de enorme fragilidade.

Voltamos às histéricas de Freud acusadas de dissimularem, faziam uma cena. O que escondiam mostrando uma dor? A dor de Shereber em sua emasculação, dilacerante tormento, tornar-se mulher, para ter filhos do pai?

Marguerite Duras em seu livro *A Dor* conta a história de um homem torturado pela guerra. Uma bela e sofrida trama onde o lugar da dor não está no homem. Este que sofre os desatinos da guerra, este a evoca e é nela, que narra a dramática odisséia, que encontramos a dor. "A voz da narração" - a sublimação, onde "a prática da letra converge com o uso do inconsciente".

De Marguerite Duras Lacan diz: "Ela revela saber, sem mim, o que eu ensino".

A histérica; a mãe transmitindo a palavra do pai; sobretudo a mulher como objeto de trocas entre homens, representando para eles o símbolo fálico: ela "é" o falo enquanto eles não são "sem tê-lo".

Falo, fala, estreita aproximação do que ao se inscrever no simbólico irrompe na palavra.

E o que pensar da tão recôndida fala das mulheres?

Mulheres que para falar vestiam-se de homens como: Hatshepsut, Aurore Dupin (ou George Sand), Rainha Cristina da Suécia, Joana D'Arc.

Em 1972 a mulher encarna um gozo mais além do gozo fálico, no entanto elas mesmas nada poderiam falar sobre isto. Reivindicam a palavra inclusive na Escola de Lacan. Seria suportável que elas dissessem outra coisa? Que os contradissem? Que falassem de um lugar próprio a elas? Está neste seminário os maiores ataques às mulheres e às feministas.

O que é renegado é que elas possam ensinar alguma coisa aos homens que mude a ordem da comunidade.

As mulheres não têm nada a dizer quando a mulher, "não toda, revela tantas coisas sobre o infinito ao homem, que ele sempre pode mais...".

Como Pênia, a mulher paga como pedinte para ter um gozo a mais.

Mais uma tentativa de falar do enigma...